



Viagem através da mente

Anna Maria Chaves da Cunha

Viagem através da mente

Anna Maria Chaves da Cunha

Anna Maria Chaves da Cunha

Viagem através da mente

Araraquara
Letraria
2019

Viagem através da mente

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

José Carlos Cunha, Leide Menezes
e Letraria

CUNHA, Anna Maria Chaves
da. **Viagem através da mente.**
Araraquara: Letraria, 2019.

ISBN: 978-85-69395-37-9

1. Literatura; 2. Literatura brasileira;
3. Narrativa.

Sumário

Viagem através da Mente	6
Primeira Viagem	9
Segunda Viagem	18
Terceira Viagem	27
Quarta Viagem	39
Quinta Viagem	48

Obrigada, meu Deus, por ter me dado a inspiração necessária para poder externar um pouco de minha alma.

Agradeço, também, ao meu primogênito José Carlos pelo incentivo para expressar pensamentos que me trouxeram momentos tão gratificantes.

Não podia deixar de expressar minha gratidão ao meu amigo Alaor Messias pela valiosa ajuda no preparo deste livro.

Obrigada!

Anna Maria

Viagem Através da Mente

Quando você se sentir aprisionado neste seu “mundinho”, não conseguindo ver outros horizontes, a não ser um dia a dia tedioso e, quem sabe, muitas vezes doloroso... é chegado o momento de aliviar. Procure um lugar em que você possa sentir-se bem e mãos à obra. Aprofunde-se em pensamentos de paz e amor. Encontre um estado agradável onde sua mente possa estar bem recreativa.

Alcançando este estado, prepare-se para viajar. Vou contar-lhe uma história que vai habilitá-lo(a) a sonhar e sentir-se feliz por algum tempo.

Era uma vez um casal...

Quando a história começa, o senhor já se encontrava paraplégico, cego, sem poder falar nem controlar seus movimentos corporais. Contudo, sua mente continuava lúcida e sua audição perfeita. Você pode avaliar em que prisão ele se encontrava?

A senhora o acompanhava no vale das dores, procurando compreender as grandes leis do Pai eterno. Não cansava de entregar o marido ao poder criador e amoroso do universo, desejando ardentemente que fosse feito o melhor para os dois. Assim, nesta entrega incondicional, trabalhava como uma cristã consciente e esperava para receber maior compreensão e mais luzes.

Como o Amor Divino está sempre presente, seus anseios foram atendidos e assim, em um dia abençoado, a senhora teve uma ideia e tratou de pô-la logo em prática.

Iria tirar o senhor do leito de dores e, por algum tempo, fazer uma viagem mental e, desse modo, libertá-lo do cativeiro. Assim foi feito!

Em um “belo dia”, quando o senhor estava um pouco mais agitado, convidou-o para largar seu corpo material no leito, ou seja, desviar seus pensamentos, ou melhor, seus sentidos daquela prisão e seguir as sugestões que lhe daria. Confiante e de boa vontade, ele aceitou o convite. Ela foi induzindo-o a acompanhar suas orientações.

Primeira viagem

A senhora escolheu o CD “A tribo dos caiapós” e disse que ele seria tocado em um navio da Cia de turismo Vale Verde, que os levaria em um gostoso passeio até a Ilha de Cotijuba no arquipélago do Marajó, passando pela orla de Icoaraci, furo do Maguari, Outeiro, Mosqueiro, até chegarem às praias de Cotijuba, de onde voltariam a Belém e deixariam os passageiros da Cidade velha. Lá, no Colégio do Carmo, eles assistiriam à missa rezada pelo Padre Marcelo Rossi. No final, os turistas se dispersariam voltando para seus lares.

Após os afazeres cotidianos, a senhora dirigiu-se para o leito onde o senhor já a esperava para o encontro marcado com antecedência. Acomodou-se junto a ele, pedindo que prestasse atenção ao que iria lhe dizer:

Vamos um pouco mais rápido para não chegarmos atrasados. Vista aquela sua bermuda azul-marinho, coloque a camisa do papão, calce o sapato esporte. Aliás, você já se perfumou bastante e colocou o desodorante... não se esqueça de pentear o cabelo. Esta meia combina muito bem com a cor da bermuda. Preciso lhe dizer que está muito bonito. Ainda bem que vou com você.

Vamos tomar um bom café com leite, tapiquinhas e tudo a que temos direito. É possível que almoçemos um pouco mais tarde. Faça agora sua refeição, só estava esperando você para fazer

a minha. Vamos! Ia esquecendo, leve mais dinheiro, podemos precisar.

Chegamos ao trapiche de Icoaraci. Tem muita gente na fila para a viagem. Vamos nos apressar, o navio está para largar, já deu o terceiro apito.

Me segure, tenho medo de cair na água! [risos...]

O navio começa a afastar-se lentamente, deixando a vila cada vez mais distante.

A manhã está linda demais e, para suavizar o calor, o vento sopra mais forte arrepiando todo meu cabelo; o sol está esplendoroso e muito brilhante. Não sei o que seria de nós se não tivéssemos trazido nossos óculos escuros.

Agora vamos sentar um pouco aqui para pegarmos o vento de proa, assim diz o povo!

Já nos afastamos bastante. Icoaraci está pequena e longe. Agora preste atenção para o conjunto musical que nos brinda com músicas regionais.

Estou ansiosa para assistir o grupo de dança apresentando o carimbó, o retumbão, siriá, xote bragantino, o famoso lundu (dança da conquista amorosa). Fazem também uma imitação do amor do boto com a bonita morena, como conta a lenda. Acredito que vamos ter momentos prazerosos!

Veja! O *show* já está sendo apresentado. Os músicos, com seus instrumentos, tomam seus lugares no salão. Nilson Chaves, com seu violão, chegou para cantar, vamos bater palmas.

Gosto desta música, ela é bem paraense: “minha boca carimbou o bico do beija-flor”... Assim ele vai exaltando amor à Natureza.

Vamos ficar aqui nestas cadeiras, de onde podemos apreciar tanto o *show*, quanto a paisagem que nos oferecem estas ilhas maravilhosas e tão queridas.

Parece até de propósito estarmos passeando pelo furo do Maguari: o conjunto está tocando o carimbó da Cobra Grande. Diz a lenda que neste furo vive uma cobra grande chamada “cobra Norato”. Seus olhos são como dois holofotes que assombam os pescadores nas noites escuras. Dizem também que há algum tempo ela se alimentava com o sangue do gado sacrificado no matadouro do Maguari.

Sabes, meu bem, eu considero o nosso folclore lindo e rico. É místico, misterioso e sensual.

Ouçã querido, agora estão cantando e tocando a lenda do Boto. Fizeram um arranjo interessante para apresentar o romance e a conquista do Boto com uma linda morena da terra. Ela passeia no convés mostrando-se ansiosa e inquieta à espera do amado sedutor. Um bonito rapaz, todo de branco,

com um chapéu também branco, faz crer que vem da água e pula para dentro do navio. Depois dos galanteios, o encontro. Começam a simular a “Dança do Amor”, do encantamento. A moreninha já está “mundiada”. Ainda encantada com o que vejo, minha atenção já está voltada para outro quadro. Agora os artistas vão exaltar os encantos da região que consideram ser “pai d’égua”, gíria usada para explicar o que é muito bom, ótimo. Com este termo, são apresentadas as belezas e riquezas do nosso Pará. Vamos ouvir a música e gozar as delícias da região, descrevendo assim o que é “pai d’égua”.

O navio está jogando um pouco... penso que é porque passou uma grande embarcação.

Dia de sol no Mosqueiro, Salinas, Marajó, Remo e Paysandu, Círio de Nazaré, os mariscos nos arraiais, açaí, beleza assim como o tacacá, nossas frutas, etc. Dizem que quem vem ao Pará parou, tomou açaí, ficou. Isto tudo é que é “pai d’égua”.

Se prepare, agora, marido, nós vamos apreciar a dança do “Xote Bragantino” e o “Lundu”. Você se lembra da festa de São Benedito em Bragança quando um grupo de idosos se apresentou e fez o maior sucesso com o “Xote do Pará”?

Olhe só esses turistas apreciando a paisagem. Estão encantados com as belezas naturais de nossa Amazônia. Eles foram agora se deliciar com

a dança do retumbão, de amor sensual, encantando a todos os que têm a oportunidade de apreciar as moças se remexendo tais quais o molejo de nossas cobras.

Penso que você gostaria muito de ouvir as músicas de composição do maestro Waldemar Henrique. Eu também gosto muito de ouvi-las. Ouço Tamba Tajá e, desta vez, de montaria, eu descí o Paraná.

Agora meu bem nós já estamos de volta, foi uma linda viagem. Conseguimos apreciar as praias de Outeiro, de Mosqueiro, até de Cotijuba no Marajó. Já avistamos Icoaraci. À medida que nos aproximamos, podemos distinguir a Orla do Cruzeiro, a Praça da Matriz e finalmente o Pontão, o Trapiche, como é conhecido.

Olhe, parece que tem muita gente na cabeceira da ponte esperando o navio. Consigo ver muitas pessoas esperando a chegada. Estamos atracando, precisamos descer um pouco antes de prosseguirmos a viagem. Fui avisada de que pessoas dos centros comunitários como a doutora Celis, a professora Etelvina, o Anísio e muitas outras querem lhe prestar uma homenagem. Trazem flores como um modo de agradecer ao ex-prefeito (agente) por tudo de bom que proporcionou à Vila e seus habitantes. Dê uma palavra de carinho a esta

gente, agradecendo a homenagem e vamos voltar para o navio, pois atrasamos um pouco a viagem.

Por favor, mais uma vez me segure, tenho medo de tropeçar e cair na água. Não ria de mim!

O navio deu a largada, nós estamos deixando Icoaraci para trás e tomando o rumo de Belém, nosso ponto final.

Depois das refeições que fizemos horas atrás, o estômago está reclamando, mas precisamos esperar um pouco mais e apreciar o pôr do sol que se encaminha para o poente.

É delicioso ver as nuances de cores e luzes no horizonte, ver o dia findando, dando lugar ao crepúsculo que anuncia o espetáculo das estrelas, brilhando sem parar.

Veja! Estamos chegando no Porto do Sal de onde seguiremos para a Igreja do Carmo e participaremos de uma cerimônia religiosa, ouvindo as músicas e pregações do Padre Marcelo Rossi.

Estamos agora em terra e em paz, graças à benção do Divino. [Toca o CD do Padre Marcelo Rossi para dar maior realidade ao quadro].

A capela, do colégio, está enfeitada com muitas flores e dá a sensação de paz espiritual. Você sente isso também marido?

Vamos sentar um pouco mais à frente para apreciarmos melhor o que vai acontecer. [CD de música religiosa].

Que beleza! Quanta paz! Olhe para o semblante das pessoas, parece que estão acima dos problemas da vida cotidiana. Assim é quando esquecemos as dificuldades e nos entregamos incondicionalmente ao Amor Divino, sustento para as dores e bálsamo para os corações sofridos.

Vamos, agora, nos despedir das pessoas que nos acompanharam neste gostoso passeio e agradecer-lhes pela agradável presença.

Como o trânsito está bastante engarrafado aqui, vamos atravessar mais adiante, no sinal. As ruas aqui da Cidade velha são muito estreitas.

Meu bem, se você gostou deste passeio, podemos planejar outros mais, né?

Que tal irmos até o Rio Grande do Sul tomar chimarrão com churrasco nos Pampas, dançar quadrilhas e rancheiras?

Vamos até a fronteira do Chile e, quem sabe, voar sobre o Sul do Oceano Pacífico e chegar às Ilhas dos Mares do Sul como Taiti e dançar Hula-Hula. A lua nas praias deverá estar deslumbrante.

Agora, já em casa, planejaremos outros mais.

Após o término desta viagem, o senhor demonstrava estar em perfeita paz e harmonia consigo mesmo e com todos que o rodeavam.

Fim.

Segunda viagem

Oi, Meu Bem, você está absorto em seus pensamentos. Será que já tem uma ideia sobre o nosso passeio?

Posso fazer uma sugestão? O que você acha de fazermos um passeio até as Ilhas dos Mares do Sul? Sim?

Já sabia que você gostaria. Poderemos, antes, passar pelo sul de nossa América.

Então se prepare e vamos. As malas já estão arrumadas; não levaremos muitas coisas, deixemos lugar para as novidades argentinas e chilenas, certo?

Nosso avião sairá daqui a duas horas mais ou menos. É um voo especial para turistas. Vamos direto a Brasília onde passaremos algumas horas.

Meu bem! Chegamos a Brasília. O tempo é curto, não dá nem para sairmos do aeroporto. Como está movimentado! Como eu previa, a maioria é turista. Estão chamando para o embarque, felizmente o nosso *check-in* está pronto. Vamos?

Este avião parece bem confortável. É melhor sentarmos aqui mais à frente, quero apreciar com você a paisagem lá embaixo. Apertemos os cintos e boa viagem para nós. O Pai celeste está conosco.

Olhando esta paisagem, penso em Deus e suas maravilhas, tanto no macro, quanto no micro cosmos... somos pequenos demais para podermos avaliar tanta perfeição. Chego a ter medo! Mas suas Leis de Amor me encham de esperança.

Você quer assistir os filmes? Eu prefiro dormir um pouco, assim o tempo passa mais rápido. Você conhece meu medinho de avião. Se preferir, ligue seu fone de ouvido.

Estão servindo a refeição. Deixemos o sono e o lazer para depois. Veja, o jantar tem um ótimo aspecto.

Oi, meu bem, acorde, estamos chegando a Porto Alegre, estou imaginando a temperatura um pouco mais fria do que aquela a que estamos acostumados. Eu acho que está vindo uma frente fria do polo sul.

Chegamos! Vamos para a condução que nos espera e nos levará a um bom hotel.

Agora, de roupas trocadas, iremos dar um giro pela cidade. Precisamos também conhecer alguns lugares onde possamos ouvir rancheiras, dançar xote e apreciar como dançam aqui.

Saímos um pouco da cidade e encontramos uma churrascaria. O melhor é que há artistas dançando. Só que desta vez é uma valsa e muito

bem dançada. Isto mexe comigo. Os Pampas me encantam!

Já é tarde, vamos dormir. Amanhã devemos chegaraBuenosAiresemtempodenosprepararmos para momentos deliciosos em um típico cabaré portenho. Vamos nos exercitar e aprender a dançar um pouco melhor um tango, topa?

Está na hora de acordar, levante. Tomemos a refeição matinal, gostosa, né? Esta condução nos levará para um passeio pela fronteira. Não vamos nos atrasar.

Agora, bem instalados em lugar privilegiado no ônibus, apreciaremos melhor a paisagem. Que natureza exuberante!

Empouco tempo, já vemos um pequeno lugarejo simpático que nos parece dar felicidade aos seus moradores.

Você topa, agora, visitar a Foz do Iguaçu, as suas cataratas, sentir a beleza e a perfeição da natureza, bem além do que “nossa vã compreensão pode avaliar”? Que maravilha!

Que tal, marido, conhecermos as cidades argentinas, como Córdoba, Mendonza, Corrientes e mais o que for possível, além de curtir uma noite de tangos e rancheiras em Buenos Aires?

Enfim, chegamos nesta bela capital de nosso país vizinho, cidade movimentada, bonita e alegre.

- Como já está um pouco tarde e não posso dispensar uma noitada tão sonhada com você, vamos nos apressar em ir para o hotel, trocar de roupa com trajes bem portenhos. Coloque um terno escuro e, quem sabe, um chapéu de asa quebrada na testa. Eu vou com um vestido pré-puxado para trás, colocar no cabelo aquelas flores que você me trouxe.

- Chegamos, que gostoso! Este ambiente me enfeitiça, o ritmo da música já pulsa em mim. Você sente o mesmo?

Ficaremos nesta mesa, aqui é perfeito, temos acesso ao salão de dança e visão privilegiada de todo o movimento, inclusive dos artistas que irão se apresentar. Agora é dançar!

É madrugada e já estamos cansados e sonolentos. Vamos sair e voltar para o hotel?

Após um dia de descanso, tomaremos a condução que nos levará às cidades já mencionadas no roteiro. Que tal um pulinho em Bariloche, antes de Santiago do Chile?

Feito isto, tomaremos o avião em direção às ilhas dos mares do sul no Pacífico. Especialmente,

a Polinésia Francesa. O comandante do avião é Victor Cunha. Conheces?

Felizmente, chegamos a Santiago, depois de uma ótima viagem, ficaremos o mínimo necessário para não demorarmos a tomar o rumo de Taiti, escala final do nosso gostoso passeio, entre a Austrália e a América do Sul. Veja neste mapa.

Aqui o aeroporto é agradável e muito movimentado. Vá fazer o nosso *check-in*, enquanto eu vou comprar uns *souvenirs*.

Tire as passagens do bolso. Ouvi a chamada para o embarque.

Ótimo! Vejo os dois assentos vagos em um bom lugar para sentarmos. Não gosto de viajar sobre as asas, preciso ver lá em baixo a paisagem se descortinar. É lindo, sobretudo deste modo como está se comportando o tempo. Límpido!

Apesar de estarmos voando há poucas horas, a viagem está monótona. Vou aceitar uma merendinha e assistir um filme. Você me acompanha?

Terminou o filme e eu vislumbro algumas ilhas, sinal de que falta pouco para chegarmos ao destino desejado.

Que bom! Chegaremos em pouco tempo. Não sei se é impressão, mas posso sentir a aproximação das praias oceânicas que tanto almejei conhecer.

Por favor, leve-me esta noite a uma delas, quero ver o mar e sentir a brisa soprando, ouvir o som que vem de longe, o *tahitien* e, quem sabe, ter a oportunidade de ver as nativas dançarem e poder cair também nesta dança maravilhosa que tanto me tem feito sonhar.

A noite está chegando e, daqui a pouco, teremos o prazer de ver a lua em seu quarto crescente, luminosa e maravilhosa como sempre em qualquer lugar, surgindo no horizonte leste e, mais tarde, sobre nós. Pressinto momentos de encantamento. Para amenizar um pouco o frio que, apesar de não ser muito forte, vai “malinar” um pouco comigo. Com você não, calorento!

Que paisagem linda! O céu parece tocar a terra. Até parece que vislumbro o infinito, tal como havia pensado. Abrace-me, estou com muito frio.

Vamos curtir juntinhos a poesia deste ambiente. A lua ilumina a espuma das ondas que se desmancham na areia. Nós dois, enlaçados, sentimos a brisa que o sereno da noite proporciona e que traz de longe o som dos instrumentos que acompanham as músicas típicas da região. Me dá uma vontade de assistir, quem sabe de dançar.

Meu bem, o frio da madrugada está inclemente. Vamos dormir, temos apenas mais um dia para nos deleitarmos neste encantador paraíso.

Vamos iniciar a viagem de volta ao lar. Nosso dia foi lindo demais. Vimos coisas maravilhosas, apreciamos um pouco os costumes das pessoas daqui. Fomos muito bem recebidos pelo pôr-do-sol e carinhosamente banhados pela mãe maré. Gostaria de ficar mais um pouquinho, esta natureza não cansa. Quem sabe um dia nós voltaremos. Sinto as marcas do sol em meu corpo. Você também está bastante queimado. Valeu!

Não é possível apreciar mais as delícias deste passeio. Já é tarde. Precisamos dormir e descansar para enfrentarmos uma longa jornada, não é?

Partiremos cedo, voltaremos ao Chile, passaremos rapidamente pelo Paraguai e Uruguai. Mataremos um pouco as saudades da Argentina, com sua música deliciosa e, finalmente, chegaremos ao Brasil (Porto Alegre) e à nossa casa (Belém).

Não se esqueça de colocar na bagagem de mão a máquina fotográfica. Isto é muito importante! Ainda precisaremos registrar o restinho da viagem.

Será muito gostoso encontrarmos tanta gente querida no aeroporto esperando por nós.

Agora estamos aterrissando em Val-de-cães.

Todos os que nos esperam parecem mais bonitos, simpáticos e amorosos. Que bom!

Vamos almoçar todos juntos em um bom restaurante. Estou ansiosa para matar as saudades. Quanta pieguice, gente!

Parece uma eternidade sem sentir o aconchego familiar. É gostoso o paladar da comida da terra. É confortante ouvirmos as boas-vindas dadas pelas crianças, trazendo, como sempre, alegria e paz aos nossos corações.

Findou o dia maravilhoso, fechando com chave de ouro nossa aventura.

Dediquemos alguns momentos para agradecer ao Pai Celeste, com profunda gratidão, pelas graças recebidas.

Dá-nos felicidade saber de Sua perfeição. É maravilhoso podermos viver conscientemente em Sua presença. Todos os momentos de nossas vidas, tanto na alegria, quanto nos maus momentos.

Oremos pelos irmãos que hoje choram para que encontrem lenitivo em Deus e em Sua verdade, para que não O esqueçam e se dediquem ao amor. Boa noite, querido!

Amanhã conversaremos para fazer novos planos de passeios futuros. Tudo com a graça divina.

Amém!

Tercera viagem

Vamos passar alguns dias viajando pelo Tapajós, visitando cidades da Amazônia, ouvindo contos e cantos tão misteriosos e místicos da região. Esperamos ter a oportunidade de assistir as festas do çairê, do boto em Alter do Chão (Boto Rosa e Tucuxi), as apresentações dos bois Garantido e Caprichoso na cidade de Parintins e o Festival do Macurá.

Iniciaremos a viagem em um navio “gaiola”. Assim poderemos curtir cada pedacinho do nosso interior: rios, povoações e as cidades de Santarém, Altamira, Alenquer, Taurí, Pindobal e muitas outras. Que tal, aprovado? Bom, aprovado.

Ah! Ia esquecendo... temos uma opção, o nosso muito simpático amigo Guilherme – carinhosamente Dr. Gui –, colocou a nossa disposição sua bonita e confortável lancha. Penso que ficaremos mais à vontade para escolhermos o itinerário.

Ponderamos finalmente que, no navio de linha, teríamos menos preocupações. Está, portanto, resolvido: iremos de navio “gaiola”.

Então vamos nos apressar. Não há mais tempo a perder...

Pronto, agora com as passagens na mão, o caminho é em direção ao trapiche de Icoaraci para iniciarmos o passeio. O próximo passo é Belém.

Mãos à obra! Prepararemos a viagem que espero começar desde já, aproveitando a época do verão, ou melhor, o período em que chove menos.

Nosso inverno é típico, quando chove mais, durante dias seguidos cai uma chuvinha fina sem muito vento ou raios, relâmpagos e trovões.

Como de costume, não levaremos muita bagagem: dá mais trabalho e preocupação, tudo o que queremos evitar neste passeio.

Vamos! Conversando, conversando, chegamos a Belém.

Os preparativos para a desatracação do navio estão bem adiantados.

Agora, estamos embarcados. Venha ver! À medida que o navio se afasta da cidade, esta vai ficando cada vez menor aos nossos olhos. É uma sensação estranha, porém gostosa. Instalados, vamos arrumar as bagagens e, depois, voltaremos ao tombadilho, de onde poderemos apreciar a beleza da baía do Guajará com suas ilhas.

É... não sabemos apreciá-las. Tanta beleza, tanta riqueza! Uma benção!

Precisamos dizer não às queimadas, às devastações etc. É um crime sem sentido destruímos esta natureza que nos é dada com

tanto amor. Devemos preservá-la para as próximas gerações. Se a destruímos, mais tarde choraremos.

Pense no que já fizemos. O aquecimento global é o grito da terra chamando pela vida.

Não à poluição! Você pensa assim também, não é?

Este rio, às vezes, estreito, tão estreito, quase podemos pegar na mata de suas margens. Ainda teremos muitas surpresas gostosas como esta que temos agora: macaquinhos assustados e curiosos com nossa presença, pulando de galho em galho e, talvez, chamando outros, porque o bando está aumentando. Ao cair da tarde, um bando de aves voltando para os seus ninhos. Poderemos ouvir até o piado dos filhotes recebendo “comidinha”.

Vamos almoçar, estou com muita fome. Que tal, de sobremesa, uma cuia de açaí fresquinho batido? Agora, experimente e prove como está gostoso.

Como o dia passou rápido! Também, nos distraímos muito com as novidades proporcionadas por esta viagem.

Estamos chegando a um povoado. Já no trapiche, pessoas nos esperam para uma noitada em fogueira, aluá, contos e cantos da Amazônia pelos ribeirinhos, como a lenda da Yara: elemental transformada em mulher, que encanta a todos com

seu canto maravilhoso, que no balanço das águas enfeitiça a todos que a ouvem. Ela é a princesa dos lagos e igarapés e, assim com seu canto, dizem os ribeirinhos, tudo ela comanda!

Estamos atracando no trapiche de uma casinha já iluminada pela lua. Ouviremos histórias, parte das crenças da região, em frente a uma fogueira que ilumina o ambiente. Estamos sentados em bancos de madeira confeccionados pelos próprios moradores. Eu prefiro sentar com você em redes. Após uns cantos entoados pelas pessoas presentes, ouviremos lendas de Botos, Mapinguarise Curupiras que assoviam para nos encantar.

Este senhor que veio nos trazer pamonha de milho verde, compadre Bastião, vai nos falar sobre um “causo” de Boto que aconteceu com sua vizinha, moça nova, “cabocla bonita” que se deixou enfeitiçar por um Tucuxi.

Assim ele fala:

Diz o povo do lugar que, quando é noite de lua cheia, ele vai para as festas namorar. Sua aproximação é conhecida pelo assovio que ecoa à distância. Ele é charmoso e principesco, trazendo na cabeça um chapéu, vem sempre de branco. Às vezes, os tocadores (músicos) até param para apreciar o visitante. Por encantamento?

Na noite em que o compadre diz que apreciou o jovem bonito tomar em seus braços a cabocla mais bonita da redondeza, todos os presentes admiraram a elegância dos passos e da gentileza do desconhecido. Estranharam, no entanto, o cheiro de maré e pitiú de peixe que o jovem exalava. Reconheceram que se tratava de boto, cetáceo que toma forma de humano para conquistar as moças do lugar.

Horas mais tarde, seu Bastião diz que ouviu falar de homem, na casa ao lado, onde morava só sua sobrinha. Pela manhã, a casa estava vazia. Outro vizinho contou então que a moça bonita havia saído com um homem em direção ao trapiche, lugar onde amarram canoas. No outro dia, apareceu boiando nas águas do rio um grande peixe crivado de balas. Mataram o jovem bonito! Geralmente as “moças” enfeitçadas depois de meses da festa, grávidas, dão à luz filhos parecidos com o jovem boto. Estranho, não acha? Você acredita?

Entre conversas dos presentes e animada com a nossa admiração, D. Teodora está querendo contar mais um “caso”. Vocês querem ouvir mais uma lenda antes de se retirarem para descansar?

Eu gostaria de aceitar.

D. Teodora quer falar sobre o curupira e o mapinguari. Estou com vontade de ouvir, até porque penso que serão um pouco mais curtas.

Ela começa a falar sobre o curupira. Lembra daquele menino de estatura baixa, cabelos cor de fogo e pés com calcanhares para frente que confundem os caçadores? Ele protege as caças dos caçadores e já os espantou em uma noite em que eles armaram uma rede no serrado.

Diz a lenda que o curupira deu um safanão na armadilha e os caçadores correram para suas casas e não as encontraram. Ficaram perdidos na mata e mundiados pelo encantamento do curupira. Lembraram-se de fazer um emaranhado de cipó e jogaram para ser desmanchado pelo encantador. Eles sabiam que se fizessem o que estavam pensando, seriam libertados pela mente do curupira que desviaria sua atenção para separar os cipós. Feito isso, sentiram que estavam livres do encanto. Assim, sem a caça, os caçadores reencontraram o caminho. Apanharam frutas e verduras para alimentação do dia seguinte. O curupira continuava desmanchando os cipós.

Olha meu bem, vamos esperar mais um pouco e ouvir a próxima lenda, é a lenda do mapinguari.

Havia um local na mata onde as pessoas desapareciam sem deixar sinais. Nosso amigo

Bastião mandou que um homem ficasse alguns dias e noites em um barracão próximo do lugar onde as pessoas desapareciam enquanto o navio, da linha, fosse até Manaus e voltasse. Algumas pessoas não concordaram com a ideia, mas Bastião ficou firme em seu propósito. Mandou comprar um fardo de Jabá e uma frásqueira de cachaça. Colocou o Jabá em uma bacia e juntou com a cachaça. Carregou a arma com balas e mandou o homem ficar esperando a chegada do mapinguari.

Este é temido pelos índios da Amazônia. Sua aparência é estranha, muito alto; corpo verde e escamoso como o do jacaré. Quando ataca os índios é pra comer a cabeça. Tem braços longos e dedos finos. Não tem época certa para aparecer. Às vezes, é confundido com a folhagem da mata, aparece e some rapidamente sem ser esperado.

Voltando ao acontecido: depois de estar tudo preparado, o homem escondeu-se atrás de uma moita e esperou que o bicho aparecesse. De repente, ouviu um grande barulho no mato. Era o bicho. Chegando, regalou-se com a bacia de jabá e a cachaça. Comeu e bebeu até ficar bêbado e sem forças. Aí foi fácil descarregar a arma em seu corpo e livrar homens e índios do destino cruel de perderem a cabeça.

Agora não podemos mais esperar. Vamos viajar bem cedo e continuar o passeio. Carinhosamente, na volta, ouviremos, no calor da fogueira, mais cantos e contos da Amazônia. Até a volta, caros amigos!

O navio está a nossa espera. Depois de um sono profundo, seguiremos nossa viagem usufruindo dos encantos da Amazônia. O galo cantou anunciando a chegada da aurora. Sairemos assim que tomarmos a alimentação matinal.

Daqui a pouco estaremos assistindo, maravilhados, os espetáculos dos botos, dos bois e muito mais. São sem limites as belezas de que ainda iremos desfrutar.

Que tal, na próxima parada, nós apreciarmos a apresentação do nosso folclore?

Com calorosa e amistosa despedida nossa, o navio nos levou do trapiche para novas aventuras.

Logo após a saída do simpático vilarejo, já programávamos as próximas jornadas.

Um amigo da tripulação sugeriu que fizéssemos uma parada em Parintins, onde são apresentados os bois Caprichoso e Garantido para disputarem um lugar de destaque na cidade como vencedor do torneio.

Tudo acordado. Nós rumamos para mais uma gostosa diversão. O que você pensa de tudo isso? Está ansioso para mais esta aventura? Sim?

Já sabendo de nossa decisão, o comandante colocou a proa da embarcação no rumo desejado.

Você está notando que já navegamos mais de uma hora e não sentimos. A cada momento, aparece uma curiosidade, coisas nunca vistas como aquele cardume; bando de pássaros e centenas de tartaruguinhas saindo dos ovos e correndo para o rio. Estamos na época da “piracema” e não é difícil ver cardumes para a desova em sua cabeceira. Vem aqui mais para proa ver aquele mimo de preguiça que, nos olhando, vai subindo no galho daquela embaubeira, penso que para se alimentar.

Perguntei a um senhor sentado numa rede mais adiante se podia me informar o nome dos peixes que sobem o rio. Ele me disse que são, entre outros, tambaquis, piabas, tamoatás, jaraquis etc.

Bem, vamos parar de conversar e nos aproximar da saída da embarcação. Um encanto de lugar. Hoje à noite haverá um concurso para escolher o campeão deste ano dos bois: Caprichoso ou Garantido?

É hora de tomarmos uma refeição. Hoje teremos comidas do lugar, dizem que é muito saborosa. Depois descansaremos, porque à noite vamos à festa dos bois que, com certeza, irá até tarde.

Sentemos à mesa. Esta iguaria feita no tucupi deve ser excelente. Você sabe que o tucupi é extraído da raiz de uma planta chamada macaxeira (aipim, mandioca-mansa), não?

Há uma lenda aqui na Amazônia sobre a mandioca. É mais ou menos assim:

A filha de um cacique de uma tribo indígena apaixonou-se por um homem branco e, algumas luas depois da ausência do estrangeiro, a filha do cacique deu à luz uma linda menina branca, olhos claros e cabelos de ouro. Logo encantou a todos que a conheceram por ser doce, delicada e amorosa. Ela recebeu o nome de Mani. Um dia não acordou cedo como era seu costume. Quando sua mãe foi acordá-la, ela estava morta. A mãe ficou muito triste e, todos os dias, ela ia visitar o lugar onde enterrara Mani, regando a sepultura com suas lágrimas pungentes.

Algum tempo depois, ao visitar a cova onde Mani fora enterrada, percebeu que uma bela planta havia nascido no local. Era diferente das demais da floresta, desconhecida de todos. A mãe de Mani começou a cuidar da planta com muito

amor e carinho, até que um dia percebeu que a terra apresentava rachadura. Logo imaginou que Mani estava voltando à vida e cheia de confiança, começou a escavar a terra. Em lugar de sua filhinha encontrou raízes grossas e brancas como o leite, que se tornou alimento de todas as tribos. Em homenagem a Mani deram-lhe o nome de Mani Oca, que quer dizer Casa de Mani.

Você está disposto a enfrentar mais uma prolongada noitada? O imediato de bordo diz que, daqui a algumas horas, chegaremos a Parintins. Já posso lhe adiantar que é um belo local, onde se realiza todos os anos a festa dos bois. Vamos assistir a este espetáculo.

Fim.

Quarta viagem

Voltamos ao navio “gaiola”. A sugestão do imediato de bordo é visitarmos Parintins e assistirmos o espetáculo dos bois Garantido e Caprichoso para depois zarparmos para Alter do Chão, a fim de apreciarmos a festa do Çairê, ou seja, a apresentação dos botos Tucuxi e Cor de Rosa.

Estamos viajando já há algum tempo e logo chegaremos a Parintins, penso que de noitinha, mais ou menos às 19h.

Chegamos, finalmente! Tomaremos nossa refeição da noite aqui mesmo no navio, depois iremos à arena assistir a apresentação dos bois Caprichoso, meu preferido, e Garantido, o “contrário”, como chamam aqui para o adversário. Estou admirada com o lugar onde os bois vão se apresentar. Mais parece um campo de futebol. Enorme!

Está todo iluminado. A torcida do Caprichoso ostentando a cor azul e a do Garantido a vermelha. Elas já estão a postos, muito animadas, cada uma ocupando a metade da arena. Não podem se misturar, do contrário vai haver grande tumulto, tal e qual a torcida do Remo e do Paysandu: gritos, batucadas, enfim, animação total. Explosão de alegria e cores no seio da floresta amazônica.

Deve ser mais ou menos 22h. O espetáculo está começando com a entrada do Garantido, avermelhando sua torcida com vibração.

Estamos a mais ou menos 420 km de Manaus. Este cenário – originado do Boi Bumbá do nordeste – há 36 anos celebra a alma índia e o sonho caboclo

Preste atenção! Soaram os tambores junto com a tela viva das cores da floresta.

Chegou o boi Garantido da Baixa de S. José para o delírio da torcida vermelha. Enquanto isso, a galera do azul do boi Caprichoso fica no mais profundo silêncio, do contrário perderão pontos.

Tudo é um deslumbre só com a chegada da vaquejada, da marujada, da “sinhazinha” da fazenda, moça muito bonita, graciosa, vestida com esmero e que alimenta seu boi com muito carinho. Chegam ao compasso da batucada do Garantido. Aparecem ainda cunhaporanga dos Tupinambás, personagem importante na apresentação de um boi. Ela é linda. De vergonha, a lua e as estrelas pararam de brilhar.

Neste momento acontece o espetáculo de fogos no céu de Parintins. Esta apresentação não ofusca o desfile de outras alegorias como a de tribos indígenas deslumbrantes nas luzes e nos detalhes e cores de suas indumentárias.

O cenário representa uma aldeia perfeita com suas ocas e ocaras. As fogueiras acesas não faltaram. Enormes!

Está chegando, agora, a rainha do folclore. Representando muito bem a beleza de nossa gente. Ela dança com muita graça ao som da batucada entusiasmada. Ela é da cor do açaí que é chamado também de juçara.

O tema é a lenda da cobra grande, chamada de Cobra Norá. Seu tamanho é exageradamente grande; seus olhos, dois faróis, e a língua que espicha para fora de sua boca dão a impressão de realidade. É tudo tão grandioso que faltam palavras para descrever o que vemos.

O espetáculo vai se desenrolando, mostrando com muito realismo os costumes dos povos da Amazônia com rituais religiosos oficiados pelo pajé, figura de aparência muito esquisita. Para nosso encantamento, continuam aparecendo animais gigantescos de modo que as pessoas parecem muito pequenas junto deles.

Há um grupo colorido, muito lindo, representando a beleza da fauna e flora de nossa selva que se move ao som dos tambores e instrumentos confeccionados por seus integrantes.

Continuando o desfile da natureza desta região, aparece agora a representação de rios em carros

alegóricos, onde peixes fazem suas evoluções com tanta perfeição que nos levam a sonhar com a realidade.

A alegria dos pássaros merece destaque. São gigantescos gaviões, águias, araras e até pássaros cantores de menor porte.

É nesta ocasião que o cantor Assayag exprime um belo e sugestivo pensamento que, como uma mensagem, adverte assim: “é destruindo seu moço que a floresta vai morrer; e é construindo seu moço que o homem vai viver. Amazônia santuário de esperanças!”. Eu já tenho a beleza da mãe natureza.

O Boi Garantido entra em cena, pulando e dançando, mostrando alegria no compasso do coração vem mais o velho Pajé com seu anhangá anunciar, em memória de seus ancestrais, os ensinamentos do tuchaua, exaltando a mãe natureza que Tupã criou.

Estamos prestando atenção para a aparência do Boi Garantido. Ele tem um bonito coração vermelho e brilhante na testa. Está evoluindo sob a luz do luar, no silêncio da mata, mas ao som dos barulhentos tambores da torcida que canta: “Garantido entra em cena e o tempo é relativo, não absoluto, uma hora parece um minuto. Sou caboclo, sou do Norte, sou Garantido até a morte”. O entusiasmo não para aí.

De repente, há silêncio na galera. Um índio canta um lamento que diz mais ou menos assim: “Sou um índio. Sou um índio guerreiro, sou também feiticeiro, e não preciso seu moço do seu saber, eu só quero é viver. Respeite os limites para manter minha nação... seu saber me faz sofrer, eu já tenho a beleza da mãe natureza para sobreviver. Na cobiça do ouro mataram meu povo, roubaram meu chão. Derramaram na terra o sangue inocente da minha nação. Escravizaram a correnteza do rio; sem piedade ao meu povo, como as estrelas pertencem ao céu”!

Este canto comoveu a todos e, em silêncio, acompanharam as palavras do índio que se expressou com tanto sentimento. Para aumentar a emoção, suas palavras foram acompanhadas pela flauta ocarina de pan. Este espetáculo nos comoveu, pois nos levou a pensar no sofrimento daqueles que foram expulsos das terras de seus ancestrais para começar uma nova vida em outras plagas. Há necessidade de mais amor em nossa humanidade, de modo geral. Devemos por fim às guerras e à cobiça. Todos têm direito de usufruir do que a mãe natureza oferece a todos, sem distinção.

Imersa em meus pensamentos, não percebi os enormes aplausos para o Boi Garantido que começava a abandonar a arena. Contudo, ainda percebo o entusiasmo da galera avermelhada,

gesticulando e gritando palavras de incentivo ao Boi Bumbá Garantido do Baixo S. José: É campeão!!!

Mal as exclamações começaram a diminuir, a torcida do azul começou a se assanhar com a chegada do Boi Bumbá Caprichoso. Minha atenção voltou-se para a explosão de animação e de alegria, para o retumbar dos tambores recebendo o Caprichoso que entra na arena com todo o esplendor de sua entusiasmada torcida.

Ouviu-se no meio do barulho vozes que se destacavam gritando: a festa vai começar. Vem chegando a Marujada e a festa vai começar!

Obedecendo ao comando do animador do grupo, é surpreendente ver a torcida fazer movimentos sincronizados, sugerindo ondas da maré, saudando a chegada do Boi preferido, negro e com uma linda estrela azul brilhante na testa. Dizem que as cores do Caprichoso são as do céu e do mar.

Tudo aqui é curioso e grandioso. No momento, está sendo apresentada a lenda do Uirapurú, exaltando o amor, a paixão de tribos primitivas. Além da beleza do enredo, há também a do espetáculo em cores vivas e, sobretudo, o desempenho dos atores que expressam sensualidade.

Neste ambiente de amor e paixão, é apresentada a lenda das Amazonas: lindas mulheres! É interessante ressaltar a originalidade desta tribo

constituída somente por pessoas de sexo feminino que, uma vez por ano, recebem os heróis de tribos vizinhas para um encontro destinado à perpetuação da espécie. Elas encontram os visitantes usando uma pedra verde, talvez de jade, que na lua cheia é tirada do fundo dos rios. É o Muiraquitã.

Estas mulheres – chamadas também de Icamiabas – encontravam-se nas fases de lua cheia, com os homens escolhidos, os Guaiacuís. Passado um tempo, elas davam à luz filhos. Se fossem meninos, seriam entregues aos pais e, se meninas, permaneceriam na tribo.

Diz ainda a lenda que as Amazonas montavam fogosos corcéis e manejavam com destreza o arco e a flecha para se defenderem. Parece que Jaci, a lua, as protegia.

Entra na arena “Sagrada” o Pajé com seu arangá. O visual é impressionante, misterioso, faz-nos sentir seus poderes sobre as energias universais! O bem e o mal. Sua aparição faz a galera delirar iluminando com tochas de fogo toda a arquibancada dando um bonito espetáculo a todos. Guerreiros da tribo dos Apinajés simulam uma guerra travada contra os homens morcegos que têm o costume de, quando vencedores, tirar a cabeça dos guerreiros inimigos. Os homens morcegos são temidos por sua violência e bravura.

Estamos chegando ao final destas belíssimas e emocionantes apresentações. Estamos emocionados com o que assistimos. Feliz por tudo de bom que nos foi apresentado. Vamos encerrar esta gostosa noitada fazendo uma pequena merenda antes de voltarmos para o navio e repousarmos. Tivemos bons momentos de alegria, mas precisamos fazer uma pequena parada a fim de entrarmos em forma para zarparmos amanhã, pela manhã, cedo ainda, para chegarmos a Alter do Chão a tempo de assistirmos o Çairê, festa dos botos Tucuxi e Cor de Rosa.

Estou certa de que teremos momentos de grande emoção. Um beijinho de boa noite!

Fim.

Quinta viagem

Bom dia, meu bem!

Vamos começar mais uma etapa do nosso prazeroso passeio.

Após este gostoso café, apreciaremos a paisagem que está se descortinando para nós, à medida que nosso navio “gaiola” singra os rios da Amazônia em direção a Prainha e, em seguida, a Alter do Chão onde, à noite, assistiremos a festa do Çairê. Veremos a evolução dos botos Tucuxi e Cor de Rosa. Tenho ótimas referências sobre este evento.

Estamos há bastante tempo encantados com a beleza da natureza, que vai se desenrolando aos nossos olhos, à medida que nosso navio passa por braços de rios, ilhas etc. Estas, muitas vezes, nos deixam sentir a pujança da fauna de nossa região. Veja o encanto desta revoada de guarás, são tantos que tingem o horizonte com cor rósea, símbolo do amor.

Ainda não tínhamos percebido os peixes de grande e pequeno porte que, muitas vezes, dão a impressão de acompanhar nossa embarcação.

Nestes rios temos Tucunarés, Pariquis, Tambaquis, Botos e até Peixes- Bois. Um viajante diz aqui do meu lado: eles trazem “pitiú” pro Çairê. São belos e vêm das cabeceiras dos rios, lugares preferidos para desova.

Enquanto uma canoa sobe o rio, o sol desce na Amazônia. Quadro poético mexendo com nossos sentimentos de amor a toda criação, sobretudo quando apreciamos nossa região.

Veja que coincidência. Vamos saborear um delicioso açaí, também chamado juçara, ao mesmo tempo em que nos deparamos com viçosos açazeiros na beira do rio.

Afinal, isto é Pará, isto é Brasil!

Estou com vontade de chegar mais perto daquele caboclo que, ao violão, canta coisas interessantes como: “venha amigo, chegue mais perto do trapiche de minha palhoça, aconchegante na beira do rio. Temos um candeeiro de manga comprida que vai iluminar a nossa prosa ao escurecer. Entre neste caminho vazio e vamos tomar um tacacá apimentado”.

Ouçá o passado, o cantador anunciando a nossa chegada: “veja seu moço, este rio é minha rua, nós não têm carro, mas o bote leva até onde nós qué”.

Este resto da viagem está ficando cada vez mais interessante. Agora vamos mais para o lado da proa, ouvir o carimbó e o siriá, estes ritmos são muito gostosos de dançar, fazendo as evoluções que nos inspiram. O cantador se apresenta como caboclo índio do Xingú que sabe cantar, dançar e

tocar o carimbó. Ele tem frases que para mim são pitorescas: quem montou na cobra grande não se escancha em puraqué¹”; “eu tenho a cara do saci, o gosto do taperebá, a força do muiraquitã; sou mururé filho da selva; a boiúna está em mim”² e eu sou também jabuti... mas cuidado, seu moço, sou valente como a pororoca, sou muito mais que tudo, sou a Amazônia!

Vamos colocar um pouco mais de farinha d’água no seu açaí e farinha de tapioca na minha cuia para terminarmos a refeição, interrompida pelas originais apresentações que acabamos de apreciar.

O comandante veio nos avisar: se formos para a proa do navio, poderemos ver as lindas praias de Alter do Chão, feitas de areia dourada e exuberante vegetação, sugerindo o verde amarelo de nossa bandeira.

Aqui do nosso lado está o compadre Bastião que luta com a sorte para sobreviver.

A rede embala o sonho do caboclo, que fuma perfumado tajubá e alimenta o sonho louco de ser o rei desse lugar, tapirí. Este nosso amigo é oriundo de Belterra, terra de seringueiras no rio Tapajós.

1 Trecho da canção *Este rio é minha rua* de Paulo André Barata.

2 Trechos da canção *Amazônia* de Nilson Chaves.

Precisamos ir almoçar porque, à noite, teremos o esperado espetáculo dos botos. Antes, porém, ouviremos um pouco a fala do compadre sobre a piraíba infernal que vive nas águas profundas escuras dos peraus; que espanta os cardumes, obrigando os caboclos a fazerem a oração do bem contra o mal para poderem tirar da natureza o seu sustento.

Aqui para nós dois, que ninguém nos ouça. Eu penso que a natureza produz belos frutos para nosso alimento. Por que tirar outras vidas que têm seu papel importante e querem também viver? Os frutos são saudáveis, possuem tudo de que precisamos para ter boa saúde. É alimento completo. Deveríamos, por tudo que penso, ser vegetarianos.

Já passaram várias horas de nossa conversa com Bastião. Estamos chegando a Alter do Chão. Estou curiosa para ver o espetáculo do Çairê.

Enquanto esperamos, vamos ouvir algumas lendas. Nosso compadre já começou a falar do “causo” da planta Tamba-Tajá.

Diz o povo que havia na tribo Macuxí um índio chamado Uiatá. Ele era forte, como todo guerreiro, e muito inteligente. Ele se apaixonou por uma índia muito linda, Iacamí, quase perfeita. Houve uma grande festa e eles se casaram na cerimônia dirigida pelo Pajé dos Macuxi. Por um tempo foram

muito felizes, até que, passadas várias luas, Iacamí adoeceu gravemente e ficou completamente parálitica.

Uiatá, para não se separar de “seu amor”, fez uma tipoia de palha e folhas, amarrando sua amada às suas costas, levando-a, assim, para todos os lugares em que andava.

Em uma bela noite de lua cheia, o índio sentiu que sua carga estava mais pesada do que o normal e, para sua tristeza, quando olhou para a tipoia desamarrada, compreendeu que a esposa tão querida não vivia mais neste mundo. Estava morta!

Uiatá foi então à floresta e cavou um buraco à beira de um igarapé mais próximo. Enterrou-se junto ao corpo de Iacamí, pois para ele não havia mais razão de viver.

Várias fases da lua passaram e novamente chegou a lua cheia. Foi quando, naquele local, começou a brotar da terra uma generosa planta, espécie totalmente desconhecida de todos os índios da aldeia. Era o Tamba-Tajá, planta de folhas triangulares, de cor verde escura, trazendo no seu verso outra folha de tamanho reduzido, cujo formato se assemelha ao órgão genital feminino.

A união de duas folhas em uma só simboliza o grande amor existente entre um verdadeiro casal.

O amor de Uiatá e Iacamí nasceu tão bonito que ninguém consegue acabar.

Penso que o compadre Bastião, para nos convencer de que o verdadeiro amor existe, de verdade, quis contar-nos mais uma lenda: a do Uirapurú. Conte-nos, amigo, queremos ouvir mais sobre o verdadeiro amor.

Ele continuou: ah! Ia esquecendo. A crença popular diz que, se em uma casa a planta Tamba-Tajá crescer viçosa com folhas exuberantes, trazendo no seu verso a folha menor, é sinal que existe muito amor naquele lar. Mas, se nas folhas grandes não aparecem as menores, o amor lá não existe. Também, se a planta apresentar mais de uma folha pequena em seu verso acredita-se, então, que o amor não existe mais: a infidelidade está presente!

Assim, o nosso contador de lendas encerrou seu depoimento, deixando-nos emocionados em ouvir alguém falar do verdadeiro amor com tanta segurança. Será que ele existe mesmo?

Querendo conhecer mais uma lenda sobre o amor, pedi ao Sebastião que contasse a lenda do Uirapuru como prometera.

Com muita simpatia e querendo nos agradar ele a contou assim:

Um jovem índio, guerreiro, como é de se esperar, apaixonou-se pela formosa esposa do cacique. Como ela não podia ser sua, pediu a Tupã que o transformasse em um pássaro. Tupã atendeu à sua vontade e o transformou em um pássaro vermelho-telha, muito bonito, que nas noites enluaradas vem cantar próximo à oca de sua amada: o Uirapurú.

Ao ouvir o maravilhoso canto, o cacique ficou fascinado e perseguiu o pássaro para prendê-lo. Assim, perseguido, o Uirapurú voou para a floresta e o cacique o perdeu.

À noite, sobretudo nas de lua nova, o pássaro volta a cantar para sua amada esperando que ela descubra seu canto e seu encanto.

É por isto que o Uirapurú é considerado um amuleto destinado a proporcionar felicidade, principalmente no amor.

Finalmente, avistamos aquele ponto de areia claríssima refletindo a luz do sol. Estamos extasiados com tanta beleza. Fico pensando se não é ali que habitam elementos da natureza, cuidando tão bem desta Dádiva Divina?

Após os procedimentos normais, saltamos em Alter do Chão, onde percebemos que os preparativos para a festa Çairê já estavam bem adiantados. É com prazer que vemos tantas pessoas trabalhando juntas para o êxito comum.

Com a chegada da noite, o movimento nas ruas aumentou e a festa está para começar.

Os fogos de vista enfeitam o céu e os foguetes anunciam a chegada do Boto Tucuxi.

Antes de apreciarmos a beleza do espetáculo, gostaria de falar um pouquinho sobre a festa do Çairê (ou Sairê).

Um senhor, aqui do nosso lado, conhecido como Pai João, diz que o Sairê é a mais antiga manifestação da cultura amazônica e que tem resistido há mais de 300 anos, mantendo intacto seu simbolismo e essência. Consiste em um ritual religioso que se repete durante o dia, culminando com a cerimônia da noite – ladainhas e rezas – seguida da parte profana representada pelas apresentações de danças típicas e pelo confronto dos botos Tucuxi e Cor de Rosa.

O símbolo do Sairê é representado por um semicírculo de cipó torcido envolvido por algodão, enfeitado de fitas e flores coloridas. Este símbolo possui três cruzeiros dentro do semicírculo e outro na extremidade superior, representando as pessoas da Santíssima Trindade e um só Deus.

Este estandarte segue à frente da procissão, conduzido por uma mulher que recebe o nome de Saraipora.

Diz Pai João que foram acrescentadas outras danças como o carimbó, o cuxirum, o lundu, a desfeiteira, as quadrilhas etc. Outras ainda foram incluídas, aos poucos, por moradores de Alter do Chão, descendentes dos índios Borari: o Camelu, a Valsada Pontado Lenço, o Marambirê, o Macuncauíé e muitas outras.

Na terceira parte do ritual, o boto é arpoado e morto porque emprenhou Cunhã Bouarí, a filha da poderosa Principaleza, senhora do Lago Verde. Mas ele é logo ressuscitado pelo Pajé.

No último dia, ou seja, numa segunda-feira, ocorre a “varrição da festa”, a derrubada dos mastros, o marabaixo e a cecuiara, almoço de confraternização. À noite, o Sairé termina com a festa dos barraqueiros.

Sabe meu bem, compreendi que toda a trama e a coreografia do folclore dos botos giram em torno da sedução, morte e ressurreição destes personagens das lendas regionais, como as tribos indígenas, o cunhantã, o tuxaua, o Pajé. A apoteose é quando o tuxaua é perseguido pelos maus espíritos por ser culpado da morte do boto. Aí vem os Pajés e o boto é ressuscitado.

Você entendeu como eu?

O Sairê tem inspirado grupos folclóricos na criação de danças que retratam a lenda dos botos. Em

Alter do Chão, é difícil dizer o que mais surpreende, se o próprio local e suas praias paradisíacas, conhecidas como “Caribe da Amazônia”, ou a festa nascida dos índios Bouaris.

Minha opinião é de que você está certo em pensar assim. Eu assino embaixo.

Agradecemos ao Pai João a atenção que nos prestou em esclarecer tantas coisas sobre este belíssimo acontecimento do qual nos envaidecemos por sermos amazônidas.

Feitas as amistosas despedidas, sugiro que voltemos nossa atenção para este espetáculo de luzes e cores que já começou a se desenrolar no sairódromo do Lago Verde.

Estou maravilhada, quase extasiada, com o que acabamos de apreciar.

Vamos voltar para o navio e descansar para, amanhã, planejarmos mais um passeio, antes de retornarmos para nossa casa na aconchegante Belém do Pará.

Não podemos terminar esta viagem sem conhecermos um pouco da festa tribal, no município de Juruti.

Conversei com o comandante sobre o nosso desejo de seguirmos para Jurutí, a fim de assistir o encontro das tribos Mundurucús e Muirapinimas.

Muito delicadamente, ele deu ordens para seguirmos mais para oeste.

Após algum tempo viajando em direção a Juruti, o comandante, ainda muito educadamente e um pouco pesaroso, comunicou-me não ser possível continuarmos a viagem seguindo mais para o oeste. Ele precisava voltar urgentemente a Belém.

Apesar de não nos explicar o motivo, compreendi que estava tudo bem e que não deveríamos nos preocupar. Deus sabe o que faz!

Como não teremos tão cedo a possibilidade de assistir este evento folclórico, você gostaria que eu lhe falasse dele? Sim? Então vamos lá!

A festa das tribos de Juruti é uma vertente do festival folclórico do lugar. Trata-se de uma das importantes manifestações culturais da região Amazônica. É realizada sempre no último final de semana do mês de julho ou no início de agosto. Acontece no tribódromo, arena onde as tribos Murapinima (vermelho e azul) e Munduruku (vermelho e amarelo) se enfrentam pela conquista do título.

Esta festa retrata a cultura indígena em forma de música, artes cênicas, alegorias e danças. O material utilizado nas fantasias e carros alegóricos é todo da própria região e o enredo de cada tribo é pesquisado na cultura indígena.

Olha uma novidade! Um grupo de ribeirinhos chegou de batelão ou bote, não sei pedindo ao comandante que os levasse até mais adiante. Não sei se isto é comum ou uma exceção. Eles foram atendidos e agora estão acomodados e conversando com algumas pessoas da tripulação.

A conversa parece animada. Vou chegar um pouco mais perto e fazer parte do grupo. Pode ser que aprenda mais um pouco sobre a cultura da região.

Depois de cumprimentá-los, tomei lugar próximo para ouvir o que estavam conversando.

Uma senhora idosa está falando sobre uma lenda que aprendeu de seus avôs ainda criança e que precisava sempre lembrar.

Para minha alegria, tratava-se da lenda do Guaraná, produto da Amazônia muito apreciado.

D. Mundica, assim se chamava a senhora, começou assim:

“Quando ainda não existia a cidade de Belém, em uma aldeia dos índios Maués, havia um casal, com um único filho, muito bom, alegre e saudável, bonito também. Por ser muito querido por todos da aldeia, havia a esperança de que um dia ele se tornaria um grande chefe guerreiro.

Jurupari, o Deus do mal, sentiu muita inveja do menino e resolveu matá-lo. Para isso, transformou-se em uma enorme serpente e, quando o indiozinho se distraiu colhendo frutas na floresta, “ela” atacou a indefesa criança.

Os pais do indiozinho, que de nada desconfiavam, esperaram em vão por ele até que o sol foi embora. Veio a noite e a lua começou a brilhar no céu, deitando sobre a mata seu manto prateado do luar. O desespero foi tomando conta deles. Reuniram toda a tribo para procurá-lo.

Quando o encontraram morto, uma enorme tristeza se apoderou de todos. Não puderam conter as lágrimas! Nesse momento, uma forte tempestade desabou na floresta e um forte raio caiu bem perto do corpo do menino. Todos ficaram muito assustados. A índia-mãe disse: “é Tupã que se compadece de nós. Quer que enterremos os olhos de meu filho, para que nasça uma fruta que nos trará felicidade”.

Assim foi feito. Os índios plantaram os olhinhos da criança, conforme o desejo da índia-mãe, orientada pelo Deus Tupã, rei do trovão.

Algumas luas se passaram e, no local, nasceu uma plantinha que os índios da tribo Maués não conheciam. Era o Guaranazeiro. É por isto que os brotos do guaraná são sementes negras rodeadas

por uma película branca, muito semelhante ao olho humano.

Em Tupí, o nome guaraná quer dizer “árvore da vida”.

Meu bem, você não acha que nossa viagem foi muito boa? Conhecemos muitas das belezas naturais e culturais de nossa Amazônia (uma das maravilhas do mundo) e nos deleitamos com suas maravilhosas e misteriosas lendas.

Aceita um convite para continuarmos a desfrutar da melhor maneira possível o que ainda temos para apreciar?

Planejaremos a próxima viagem de aventuras. Ela será realizada, espero, ainda este ano.

Concorda?

Fim.

Publique seu e-book com a gente!

Letraria 



Viagem através da mente

Letraria 